

FORMAS, MODOS E TEORIAS DO CONHECIMENTO E DA REALIDADE

FORMS, MODES AND THEORIES OF KNOWLEDGE AND REALITY

Raylane Marques Sousa¹
Doutoranda em História
Universidade de Brasília
marques.raylane@gmail.com

I

Neste ensaio, pretendo discutir sobre algumas questões relacionadas às *formas* de conhecimento da realidade e à *conformidade* entre palavras, significados e realidades. As questões que tenciono abordar referem-se às configurações do conhecimento da realidade e aos modos como as palavras e os significados se ligam e se organizam em sistemas de proposições para expressar, valorar, sustentar e destituir realidades, modos esses que me parecem bastante proveitosos para examinar a *composição* do conhecimento, e também da realidade. Quero mostrar a passagem de uma forma para a outra e, especialmente, o esquema entre palavras e significados para conhecimento das realidades. Tomarei o próprio conhecimento como relativo a um sistema de realidade, e essa realidade do sistema como parte integrante do conhecimento que examina a si mesmo e outras realidades. Considero aqui a realidade como tudo o que acontece, como a totalidade dos fatos, e as formas e os modos de conhecimento dessa realidade como teorias que representam o que acontece. Tudo o mais que eu vier a acrescentar é para demonstrar a constituição dessa realidade.

Mesmo fixando a atenção no processo criativo do conhecimento em geral e na relação especial entre palavras, significados e realidades, acredito que minha discussão servirá, em

¹ Agência financiadora: CAPES. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/4775102736454739>. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5861-369X>.

alguma medida, também a ciência da história, para compreendermos como os historiadores concebem formas, modos e teorias e expõem a realidade. A forma como conhecemos por meio da relação entre palavras, significados e fatos tem muito em comum com a forma como os historiadores teorizam ou emitem enunciados sobre os fatos. Assim, minha discussão versa tanto sobre a teoria do conhecimento da realidade em geral quanto sobre a teoria do conhecimento da realidade dos teóricos da história em particular. Entretanto, defendo que a teoria do conhecimento da realidade em geral é que possibilita a teoria do conhecimento da realidade dos teóricos da história em particular. Seja como for, argumentarei aqui que quanto mais o teórico da história conhece a realidade em geral, mais teórico é o seu conhecimento acerca da realidade particular.

Mas, se para teorizar a realidade em particular, o teórico da história precisa conhecer a realidade em geral, estamos diante de uma situação de *proporção*: torna-se possível imaginar que a teoria do conhecimento da realidade em geral consiste em uma teoria geral e particular; a igualdade entre o todo e a parte é totalmente estabelecida. Assim, nesse caso, a relação de proporção entre a teoria do conhecimento da realidade em geral e a teoria do conhecimento da realidade em particular não estabelece um modo de conhecimento que permite a análise de sua constituição e da realidade? O conhecimento da realidade em geral não está intimamente vinculado ao conhecimento da realidade em particular? Não pode a teoria do conhecimento da realidade em particular ser um produto da teoria do conhecimento da realidade em geral, numa relação de proporção que combina o todo e a parte para produzir uma teoria da realidade de alto nível? Faz sentido afirmar que há uma teoria geral e uma teoria particular contidas no núcleo de um sistema de realidade? E, se a teoria do conhecimento da realidade em geral for uma relação entre o todo e suas partes, e vice-versa, é possível conhecermos o todo e suas partes e como eles se configuram em sistemas de realidades? Sim para todas as perguntas, por causa da proporção. A relação de igualdade expressa entre as duas formas de conhecimento é que determina a concordância entre as duas realidades, a sua organização em um todo, o alcance de outras realidades, assim como a nossa aproximação ou acesso a elas, na forma geral ou na forma particular.

Mencionei o termo proporção. Antes de prosseguir, quero explicar quais os seus significados e a sua importância para esta argumentação. De modo conveniente, é nesse termo que se acha a *lógica* das teses que aqui sustentarei. Por meio dele, é possível falar de formas,

modos e teorias de conhecimento e da realidade e determinar as suas ligações. É também através dele que afirmamos a transformação do todo na parte, do encaixe das partes isoladas num todo coerente. Só a partir desse termo é que poderemos explicar as imagens em que nossas ideias se baseiam, determinar como é possível apreendê-las, e de que maneira elas se relacionam com a realidade. A proporção é a relação das *partes* separadas do *todo* que pode ser dividido de novo, ao infinito. Porém a relação de proporção, tal como a que aqui descrevemos, só existe quando duas partes distintas expressam *conformidade* entre si, e, também, uma é *consequência* da outra. Assim, podemos depreender que, na proporção, a relação entre as partes é *simétrica*, e é por esse motivo que defendemos a tese de *correspondência* entre a teoria do conhecimento da realidade em geral e o conhecimento da realidade dos teóricos da história em particular, e, também, que do conhecimento da realidade geral se deduz o conhecimento da realidade histórica particular. Mas essa relação de proporção leva a duas outras conclusões: primeiro, há ligações complexas que explicam a simetria entre o todo e suas partes, ou entre as partes e o seu todo. Segundo, o todo e suas partes parecem ser idênticos. Além disso, o todo é tão semelhante a suas partes, e vice-versa, que não podemos considerar só o todo como uma teoria do conhecimento da realidade em geral mais complexa e as suas partes como uma teoria do conhecimento da realidade em particular mais simples. Isso leva ainda a uma conclusão adicional, a de que é possível que a relação de proporção em si seja composta pelo todo e pelas partes, e esse todo não é maior do que as suas partes. Afinal, não há proporção na realidade em geral, mas há na realidade em particular, pois na realidade particular a parte é separada ou subtraída do todo enquanto na realidade geral o todo não é resultado de nenhuma parte.

Para estudar mais detalhadamente essas formas, modos e teorias do conhecimento e da realidade, parto do pressuposto de que no conhecimento da realidade dos teóricos da história existe uma *relação de proporção*: uma teoria da realidade histórica particular é uma dedução da teoria da realidade geral e consegue uma *relação de conformidade* com essa teoria, uma vez que atinja *pontos de igualdade*. Essa é a primeira tese que eu me proponho a discutir.

Em outra ordem, julgo que a teorização da realidade histórica é retirada da teoria da realidade geral e alcança uma *relação de igualdade* com essa teoria, desde que mantenha *pontos de conformidade*. E argumento que essa teorização da realidade histórica se torna mais teórica quanto mais procura por *pontos de correspondência* com a teoria da realidade geral. Essa

relação de proporção nos autoriza a falar em uma teoria geral da realidade histórica e em uma teoria das partes da realidade geral.

Para conseguir fazer com que fique claro e compreensível como o conhecimento da realidade dos teóricos da história nutre uma relação especial com a teoria do conhecimento da realidade em geral, desenvolverei a ideia de *conformidade* entre palavras, significados e fatos. Desenvolverei essa ideia porque, embora simples, ela será de extrema importância para a minha análise do *conteúdo significativo* da realidade. Essa ideia evidencia e reflete, primeiro, os pontos de igualdade, segundo, os pontos de conformidade, e terceiro, os pontos de correspondência entre os dois tipos de conhecimento da realidade. Essa é a segunda tese que eu me proponho a argumentar. Tentarei demonstrá-la com o auxílio de formulações.

- (1) Palavra é igual ao significado que é igual ao fato.
- (2) Palavras conformam significados que conformam um conjunto de fatos.
- (3) Proposições significativas correspondem a um conjunto de fatos que corresponde a um sistema de declarações significativas da realidade.

Essas simples formulações contêm a resposta da dificuldade de compreender a lógica que rege a relação de proporção entre uma teoria da realidade histórica particular e uma teoria da realidade geral. Elas partem do princípio de que, para falarmos de proporção, devemos tratar de igualdade entre palavra, significado e o fato a que se refere, em seguida, devemos tratar de conformidade entre palavras, significados e o conjunto de fatos a que se referem, e por fim, devemos tratar de proposições significativas que correspondem a um conjunto de fatos que corresponde a um sistema de declarações significativas da realidade a que se referem. A lógica que rege a proporção entre as duas teorias da realidade é, portanto, a mesma que rege a do sistema que põe de acordo palavras, significados e fatos para que criem proposições e façam declarações significativas sobre a realidade. Essa inferência é duplamente importante, pois nos permite compreender a *composição* do conhecimento, assim como da realidade.

II

Sobre a minha primeira tese, se uma teoria do conhecimento da realidade histórica particular é deduzida de uma teoria do conhecimento da realidade em geral, podemos dizer que ela foi retirada do todo e que é parte do todo.

Essa ideia infere que há uma *relação de satisfação* entre a parte e o todo anterior à separação, ou uma *relação de suficiência*, que pressupõe *exigências* do todo para com a parte, exigências que determinam se a parte integra o todo ou não.

Essas exigências da relação de satisfação ou relação de suficiência do todo para com a parte nos possibilitam identificar as *características* da teoria do conhecimento da realidade em geral à medida que a teoria do conhecimento da realidade histórica particular atinge o seu nível de satisfação ou suficiência, ou completa as suas exigências. Há características como, por exemplo, comparar, escolher, julgar ou avaliar que são exigidas pelo todo à parte, isto é, que mantêm unido o todo à parte; que definem e designam o todo, ou o seu *conteúdo significativo*; que enriquecem com suas propriedades o todo; que qualificam o todo; e que, conseqüentemente, exigem da parte que atinja o grau de satisfação ou suficiência do todo. Em todos os casos, as características da teoria do conhecimento da realidade em geral tornam a teoria do conhecimento da realidade histórica particular uma parte *proporcional* ao todo, uma parte definida, tão rica, qualificada e suficiente quanto o todo.

Essas características ou exigências do todo que acreditamos ver na teoria do conhecimento da realidade em geral têm como finalidade fazer da teoria do conhecimento da história em particular uma teoria com um nível alto de satisfação ou de suficiência teórica.

III

Sobre a minha segunda tese, o meu exame do *conteúdo significativo* do todo ou da teoria do conhecimento da realidade em geral e da parte ou da teoria do conhecimento da história em particular inicia o seu raciocínio pela ideia de que o conteúdo significativo *relaciona teorias e realidades*. Continua o seu raciocínio pela ideia de que *conforma palavras, significados e fatos* e cria *o todo altamente teórico*. Avança em seu raciocínio através da ideia de que o todo altamente teórico *não é maior do que a parte, mas é igual a ela*, no que concerne ao seu

conteúdo teórico. Finaliza o movimento do seu raciocínio com a ideia de que o todo altamente teórico forma o *conteúdo altamente teórico* da parte.

Tanto o conteúdo significativo do todo quanto o conteúdo significativo da parte relacionam teorias e realidades, e conformam palavras, significados e fatos, e esses acordos resultam em um conteúdo altamente teórico que não ultrapassa o conteúdo teórico da parte, mas é igual a este último. Também o conteúdo altamente teórico (ou a relação de satisfação ou suficiência entre a teoria do conhecimento da realidade em geral e a teoria do conhecimento da história em particular) compõe o conteúdo altamente teórico da parte.

Se demonstrarmos esse *conteúdo significativo* por meio de formulações, assumiremos o seguinte:

- (1) Conteúdo significativo é a conformação da teoria da realidade geral e da teoria da realidade particular.
- (2) Conteúdo significativo é a conformação de palavras, significados e fatos.
- (3) Conteúdo significativo é a conformação do todo altamente teórico.
- (4) Conteúdo significativo é a conformação do todo altamente teórico e do conteúdo teórico da parte.
- (5) Conteúdo significativo é a conformação do todo altamente teórico e do conteúdo altamente teórico da parte.

Essas formulações correspondem a um *raciocínio conformativo e progressivo*, em que teorias do conhecimento e da realidade (1) se põem de acordo. Aliadas, essas teorias conformam palavras, significados e fatos (2) que, com a conformação, criam o todo altamente teórico (3), o todo altamente teórico é igual à parte teórica (4), a parte teórica possui o todo altamente teórico (5). Esse raciocínio conforma formulações e uma ideia de acréscimos no conteúdo significativo do todo e da parte, das teorias do conhecimento e da realidade e das outras formulações que ele desenvolve de modo progressivo. Além disso, podemos inferir daí que as teorias do conhecimento e da realidade formam um conteúdo mais significativo *somente* quando conformam palavras, significados e fatos que tornam o conteúdo do todo e da parte altamente teórico, isto é, só quando conformam é que progridem. Adicionalmente, podemos concluir desse raciocínio que se há conformação de palavras, significados e fatos, o conteúdo do todo e

da parte é correspondentemente maior. Há uma conformação progressiva, que vai de simples teorias do conhecimento que representam muito pouco a realidade até teorias complexas do conhecimento que representam quase todas as realidades, mas não há uma diferença qualitativa entre essas teorias.

Tudo o que estou tentando dizer com essa estratégia de raciocínio é que se teorias do conhecimento e da realidade se põem de acordo e conformam palavras, significados e fatos para formação de um conteúdo altamente teórico, o desacordo entre as teorias indica que não há conformação de palavras, significados e fatos, nem formação de conteúdo altamente teórico. Assim, se a ideia é formar um conteúdo altamente teórico, logo os acordos entre teorias do conhecimento e da realidade e a conformação de palavras, significados e fatos devem ser contínuos, pois um precede do outro para progressão.

Nessa progressão, a conformação do anterior ao precedente é imprescindível, pois resulta num conteúdo altamente teórico que é *satisfeito* ou *suficiente*. O conteúdo teórico com alto nível de satisfação ou suficiência (no sentido de conteúdo caracterizado, qualificado, ou seja, exigente) é anterior ao posterior e, ao mesmo tempo, compõe-se de *parâmetros para igualdade*. Desse modo, nessa progressão podemos falar de *conformação de conteúdos teóricos* e fundamentar nossos argumentos em um *conteúdo altamente teórico* e um *conteúdo teórico idêntico*. De outro modo, eu quero dizer que a progressão dispõe dos dois conteúdos, mas o conteúdo teórico idêntico resulta do conteúdo altamente teórico e possui o seu conteúdo de satisfação ou suficiência. Pensei bastante sobre os termos, elementos e momentos dessa progressão e cheguei à noção de que ela só é útil para este quadro argumentativo se elucidar os dois conteúdos teóricos não só por igualdade, mas também por diferença de razões. Embora eu tenha argumentado que o conteúdo altamente teórico do todo é igual ao conteúdo teórico da parte, por causa da conformação, sinto que ainda preciso explicar com clareza por que o conteúdo altamente teórico do todo difere do conteúdo teórico da parte, em suas razões, ou seja, *ou em suas proposições e declarações significativas da realidade, ou em suas proposições e declarações não significativas da realidade*. Desconfio que esses conteúdos difiram em suas razões e, por isso mesmo, fazer proposições e declarações significativas da realidade seja o objetivo fundamental do conteúdo teórico da parte e, em seguida, produzir teoria com alto nível de satisfação ou suficiência. É importante dizer também que esses conteúdos teóricos se

distinguem nos modos de *gradação da realidade*, cujos *graus de realidade* são medidos por meio da qualidade, abrangência e intensidade das proposições e declarações das teorias.

Tanto a teoria do conhecimento da realidade em geral quanto a teoria do conhecimento da realidade em particular possuem modos de graduar a realidade mais ou menos satisfatórios ou suficientes. E nenhum desses modos é satisfatório ou suficiente em si. É importante frisar que eles só são capazes de graduar a realidade em relação um com o outro. A qualidade, a abrangência e a intensidade das proposições e declarações das teorias só medem graus de realidade por meio da relação entre o que chamamos de *conteúdo altamente teórico* e *conteúdo teórico idêntico*, que não é só uma relação de igualdade, no sentido dos conteúdos, mas também de diferença de formas de conteúdo, da qual os dois tipos de realidade não estão isentos.

O problema que surge daí imbrica conformação de conteúdos teóricos, nivelção de satisfação ou suficiência das teorias e gradação das realidades. O que dou o nome aqui de problema é, na verdade, o impasse de se descobrir a *ligação complexa* das formas teóricas, os conteúdos teóricos das formas e os graus de realidade das formas. Considero profícuo voltar ao termo *proporção* para esclarecer esse impasse. Se retomarmos a lógica que rege a proporção, não haverá hesitação de que o que relaciona as formas teóricas aos seus conteúdos teóricos e aos seus graus de realidade são *as proposições e declarações significativas da realidade, ou as proposições e declarações não significativas da realidade*, e de que é tal relação que relativiza as proposições e as declarações significativas ou não da realidade, julgando-se que as suas formas teóricas, os seus conteúdos teóricos e os seus graus de realidade não são totalmente idênticos.

Nas teorias do conhecimento da realidade em geral e da realidade em particular, portanto, só notamos a relação entre suas formas teóricas, os seus conteúdos teóricos e os seus graus de realidade se concebemos que a relação de proporção não estabelece só igualdade entre formas, conteúdos e realidades, mas também diferença, no sentido de relativizar as proposições e declarações significativas ou não da realidade.

Como a teoria do conhecimento da realidade em geral possui um conteúdo altamente teórico e a teoria do conhecimento da realidade em particular um conteúdo teórico não totalmente idêntico, deduzimos que a conformação entre as teorias aceita a diferença entre formas, conteúdos e realidades. Na verdade, a diferença é consequência da relativização das

proposições e declarações significativas ou não da realidade, que manifesta o conteúdo altamente teórico das teorias, seus níveis de satisfação ou suficiência e seus graus de realidade.

Nesse sentido, a relação entre as formas teóricas, os conteúdos teóricos e os graus de realidade é percebida pelos *parâmetros de igualdade*, a qualidade, a abrangência e a intensidade das proposições e declarações, mas expressa diferença: apenas uma teoria do conhecimento com essas propriedades consegue teorizar as diferentes realidades, e só com essas propriedades é que conforma um conteúdo altamente teórico, assim como satisfatório e suficiente das realidades, especialmente porque é teórica, antes mesmo de ser um conteúdo altamente teórico.

Nos dois tipos de teoria do conhecimento da realidade é possível igualar as formas e os conteúdos teóricos. É também admissível conhecer os graus de realidade. Pela lógica da proporção, podemos ainda estabelecer a relação entre formas, conteúdos e realidades e relativizar teorias.

IV

A ideia de que há proporção entre formas, conteúdos e realidades que argumentamos aqui determina a *ligação complexa* entre a teoria do conhecimento da realidade em geral e a teoria do conhecimento da realidade em particular. Essas duas formas teóricas, ou esses dois conteúdos teóricos, ou essas duas realidades são unificadas por um tipo de ligação complexa que merece esclarecimento. Talvez eu possa dizer que essa proporção depende da ligação complexa para funcionar, para operar com formas, conteúdos e realidades. Mas se essa proporção depende da ligação complexa, podemos dizer que formas, conteúdos e realidades são seus instrumentos úteis. Ao dizer isso, não quero instrumentalizar formas, conteúdos e realidades. Gostaria apenas de frisar que, todas as vezes que acontece a ligação, as formas, os conteúdos e as realidades tornam-se mais complexos, e a proporção é que combina esse aumento de complexidade com as formas, os conteúdos e as realidades. Assim, podemos dizer que a proporção está diretamente relacionada à ligação complexa entre formas, os conteúdos e as realidades e que a complexidade da ligação depende da proporção entre formas, os conteúdos e as realidades. Tal ligação não pode ser bem compreendida sem o auxílio da proporção. Quando acontece a ligação entre as formas, os conteúdos e as realidades é a proporção que nos

mostra a sua complexidade e, portanto, a sua compreensão; que nos mostra a sua ligação e, portanto, a sua proporção, que então pode ser visualizada.

As formas, os conteúdos e as realidades fazem ligações complexas que só podem ser compreendidas, que só podem ser visualizadas por meio da proporção. Podemos dizer que a proporção mostra de perto suas ligações, seu funcionamento interno. Essa compreensão não pode ser adquirida pela visualização de uma ligação isolada, ou de um grupo de ligações, mesmo que se tenha em mente como funciona uma proporção. A ligação vem da compreensão de formas, conteúdos e realidades e, por conseguinte, da proporção. Nesse caso, a ligação baseia-se na compreensão da proporção entre formas, conteúdos e realidades. A ligação é tão maior quanto mais compreendemos a complexidade das formas, conteúdos e realidades, e quanto mais compreendemos a proporção que relaciona formas, conteúdos e realidades. O fato de podermos compreender a ligação complexa que estabelece a proporção faz toda a diferença nas formas, conteúdos e realidades.

Toda essa ideia de ligação complexa entre formas, conteúdos e realidades, que pode ser compreendida por meio da proporção, relação que é muito mais complexa quando vista à luz das ligações, só tem sentido se examinarmos as formas, os conteúdos e as realidades. Também as diferenças nas formas, conteúdos e realidades não só complexificam, como também ajudam a compreender a proporção. Uma pequena diferença de conteúdo teórico complexifica a ligação porque dificulta a nossa visualização da igualdade na proporção. As ligações entre conteúdos não completamente idênticos mostram que a complexidade da relação aumenta quando diminui a igualdade dos conteúdos da proporção, ou que a igualdade aumenta quando diminui a diferença entre os conteúdos da proporção, o que mostra a complexidade da proporção pela ligação, e também ajuda a visualizar a diferença dos conteúdos.

Se as ligações forem analisadas atentamente, poderemos conhecer a lógica que rege a proporção, pois a maioria das ligações da proporção tem o mesmo fundamento. A lógica que rege a proporção é feita das ligações entre formas, conteúdos e realidades, é feita do conteúdo teórico das ligações (que também são teorias) que formam a proporção. Nesse sentido, a lógica que rege a proporção é a compreensão das ligações que, na sua complexidade, estabelecem a proporção entre formas, conteúdos e realidades.

Mas se as ligações não forem analisadas cuidadosamente, poderemos não chegar a conhecer a lógica que rege a proporção, pois não saberemos qual a base comum das ligações.

Podemos até afirmar que as ligações têm o mesmo conteúdo teórico, mas não saberemos explicar suas teorias, nem mostrar suas igualdades e diferenças; também não compreenderemos a sua complexidade, pois a lógica que rege a proporção não foi descoberta como base das ligações entre formas, conteúdos e realidades.

V

Eu enfatizo as ligações entre formas, conteúdos e realidades na composição do conhecimento, ou em sua conformação e progressividade, para afirmar que o que propomos aqui é um *sistema de significados aberto e direcionado ao infinito*. É possível explicar esse sistema por meio desses vínculos que formam uma cadeia de significados de determinações sem fim. Nesse sistema, os significados qualificam os fatos e os fatos qualificados designam outras realidades. Trata-se de um sistema que toma como atividade primeira e última conhecer as realidades.

Em contraposição, acredito que um *sistema de significados fechado e direcionado ao centro* não pode qualificar os fatos e os fatos em si não designam realidades. Nesse tipo de sistema, não há conformação e progressividade para conhecimento da realidade. Ele escapa a qualquer tentativa de abarcar significados de determinações ilimitadas. É um sistema que toma como tarefa suprema conhecer o próprio centro sem expandir para novas realidades.

Mas tanto um sistema quanto o outro, se tomados como *sistemas de significados* que são, permitem o acesso à realidade, pois produzem algum tipo de conhecimento através das amplas ligações entre formas, conteúdos e realidades. Isso é possível por causa da proporção, por meio da relação que os sistemas estabelecem entre o todo e parte que exige o seu conhecimento do todo e da parte se desejam que suas teorias signifiquem de alguma maneira a realidade. A importância de seus conhecimentos está em permitir o acesso à realidade, porque, em geral, só é possível conhecer a realidade por meio de sistemas de significados, ou aberto ou fechado, que fazem amplas ligações entre formas, conteúdos e realidades, ou seja, que fazem conexões para conhecimento de realidades que não podem ser imediatamente acessadas quando vistas sem mediações. O que precisamos entender é que o sistema aberto permite o acesso a uma nova realidade, no qual o sistema fechado está contido apenas como caso particular.

Um sistema só permite o acesso à realidade ou às realidades, no entanto, pelo exame das teorias que estabelecem sobre os fatos, pela razão de que através das teorias podemos nos aproximar dos fatos, isto é, podemos reduzir a distância entre fatos e realidades a que fazem referências, e pela razão de que, nos sistemas, as teorias são reflexões das realidades às quais procuramos acessar e, às vezes, conhecem mais dos fatos do que podemos supor. O conhecimento da realidade ou das realidades só é possível por meio das teorias sobre os fatos, e não dos fatos em si que não refletem sobre a realidade.

Nesse sentido, o *sistema de significados aberto e direcionado ao infinito* é melhor e mais completo do que o *sistema de significados fechado e direcionado ao centro*, pois tem como requisito para acessar às realidades o exame das teorias sobre os fatos. Mas mesmo que as teorias nos permitam o acesso às realidades, por aproximar reflexão e fatos, só elas não bastam para manter um sistema aberto ao infinito, por causa de seu alto teor especulativo. As teorias devem conter também aspectos factuais. Devem ser o exame racional dos fatos que mostra a composição do conhecimento e das realidades.

VI

No entanto, o sistema de significados da realidade só se mantém aberto e em direção ao infinito se as teorias conseguem deixar de teorizar sobre um fato específico ou restrito ao campo particular da experiência que ele descreve e passam a teorizar sobre um conjunto de fatos ou vastos domínios da experiência. Com o sistema aberto, as teorias ressignificam continuamente os fatos. Ao fazê-lo, as teorias que teorizam sobre um único fato passam a ser insuficientes e são então necessárias novas teorias. Em geral, o sistema permanece aberto quando as teorias exigem mais do que significar um único fato e refletir sobre ele e passam a significar muitos fatos e elaborar novas teorias sobre eles. Mas quando se trata de *progredir* da teoria de um fato específico para a teoria de um conjunto de fatos, em direção ao infinito, a própria estrutura do sistema, e não apenas as teorias, pode ter de se alterar, para que seja possível a abertura para novas teorias, ou seja, teorias que se referem ou se vinculam a novas realidades.

Essas novas teorias e, portanto, novas realidades podem encontrar pela frente *obstáculos* que se erguem contra a abertura do sistema. Porém o sistema só ressignifica os fatos ao infinito com a abertura para novas teorias. Os obstáculos surgem sobretudo quando os fatos se recusam

a ser abordados por um ângulo novo ou quando as teorias evitam se referir ou se vincular a novas realidades, que podem surgir da abertura a novas teorias, ou ainda da ressignificação dos fatos. Além disso, os obstáculos podem se levantar quando o sistema está aberto, mas se comporta como se estivesse fechado. O *obstáculo do comportamento do sistema* é o mais desafiador porque exige que as teorias conheçam muitos fatos, formulem novas teorias, referenciem e se vinculem a muitas realidades.

Nesse sentido, o sistema se abre com a ressignificação dos fatos, com a formulação de novas teorias e com abrangência de novas realidades, principalmente quando são descontínuas, ou seja, quando contradizem os significados dos fatos, suas teorias e realidades a que fazem referências. O sistema funciona bem quando se depara com essas realidades descontínuas, porque constrói novas teorias que referenciem e se vinculem a elas, como teorias que lidem com as surpresas das realidades ainda não conhecidas. Mas essas teorias que lidam com realidades inesperadas podem fechar o sistema se não conseguirem teorizar o elemento fortuito das novas realidades. Elas põem o sistema para funcionar justamente quando conseguem teorizar as realidades descontínuas ao infinito.

Assim, eu ressalto que as teorias cruciais para abertura e funcionamento do sistema são as que conseguem ressignificar os fatos, produzir novas teorias e lidar com realidades inesperadas, o que me leva a afirmar que um sistema aberto começa com teorias que ressignificam os fatos, mas nunca se fecha ou acaba, continua com a composição do conhecimento e da realidade ao infinito.

VII

Para finalizar, toda essa discussão sobre sistemas fechados e abertos nos leva a ponderar sobre *a verdade dos sistemas fechados* como um procedimento cuja racionalidade está na *ordem central da realidade* e *a verdade dos sistemas abertos* como um procedimento cuja racionalidade está na *ordem descontínua das realidades*. Presumo que a verdade dos sistemas fechados e abertos se refere a domínios diferentes da realidade. A verdade dos sistemas fechados versa sobre o *conteúdo da ordem central* da realidade e nos impele a fazer proposições e declarações absolutas da realidade. A verdade dos sistemas abertos, por outro lado, versa sobre o *conteúdo da ordem descontínua* das realidades e considera todas as proposições e

declarações das realidades como relativas, e não em si. Nos sistemas abertos, estamos interessados em *compreender* o que ordena as realidades para o descontínuo; nos sistemas fechados, em *descobrir* o que ordena a realidade para o centro. A verdade da ordem central da realidade é o procedimento cuja racionalidade está orientada para o centro; a verdade da ordem descontínua das realidades é o procedimento cuja racionalidade está direcionada para o descontínuo.

Essa imagem da verdade dos sistemas como um procedimento cuja racionalidade aponta para realidades distintas pode não parecer suficientemente clara, mas é boa para explicar o tipo de verdade estabelecido pela ordenação da realidade para o centro e o tipo de verdade estabelecido pela ordenação das realidades para o descontínuo. Essa imagem dissocia as realidades com domínio do centro e com domínio do meio circundante. A verdade do sistema fechado, por assim dizer, é a maneira como ordenamos a realidade de acordo com o centro. A verdade do sistema aberto, por outro lado, é a maneira como ordenamos as realidades de acordo com o meio circundante. Há que reconhecer que, em geral, a verdade se estabelece por meio de uma ordem, seja ela central ou descontínua. A verdade que predomina nos sistemas origina-se da ordenação e da racionalização da realidade. Em última instância, a verdade é uma ordenação da realidade e, portanto, é regida por critérios de racionalização.

A verdade do sistema fechado e, portanto, a verdade do centro é absoluta porque não se abre para o meio circundante. Mas a verdade do sistema aberto é relativa porque abrange cada vez mais o meio circundante. A verdade absoluta surge sobretudo quando o sistema centraliza a realidade, sua ordem passa a ser a mesma da verdade, que se adequa perfeitamente ao centro, e nenhuma influência externa pode descentralizá-la. Mas a verdade relativa resulta do sistema que não centraliza a realidade, sua ordenação é comandada pelas realidades circundantes, que se afastam cada vez mais do centro, e recusam a centralização. Além disso, o sistema fechado *toma por verdade* apenas a realidade ordenada e centralizada. O sistema aberto *confia na verdade* relativizada e na orientação cada vez mais abrangente das realidades.

Assim, a verdade do sistema fechado é simples e imutável, porque simples e imutável é a realidade que ela ordena e centraliza. Mas a verdade do sistema aberto é complexa e mutável, especialmente porque as realidades do meio circundante são ordenadas para abranger cada vez mais realidades descontínuas, ou seja, realidades inesperadas com verdades transitórias. Nos sistemas fechados, *a verdade decide* o que é realidade. Nos sistemas abertos, *as realidades*

definem o que é verdade. Mas nos dois tipos de sistema há verdade, há a verdade simples e a complexa, a absoluta e a relativa, a imutável e a mutável. A verdade é um *pressuposto* ou uma *consequência* nos sistemas, porque depende, principalmente, da sua relação com a realidade.

Por essa razão, é importante dizer que os sistemas fechados e abertos tratam a verdade de modos bem diferentes, os fechados como um *dado a priori* e os abertos como uma *construção a posteriori*, o que nos leva a concluir que a verdade dos sistemas abertos é que deve compor o nosso conhecimento e a realidade.